

O PERFIL DA MULHER NA OBRA O PRIMO BASÍLIO, DE EÇA DE QUEIRÓS

GUIMARÃES, Neuma Cristina da Silva

SANTOS, Fabiana dos

SANTOS, Kelly Enne Cardoso

LEITE, Tânia Regina Cardoso Santos (Orientadora)

Licenciada em Letras – Português / Inglês – UFS, Pós- Graduação (Especialista) Metodologia do Ensino Superior e Mestre: Comunicação Social – UFRJ, Prof^a do curso de Letras Português da Universidade Tiradentes – UNIT.

RESUMO:

O Perfil da Mulher na obra *O Primo Basílio*, de Eça de Queirós, publicado em 1878, é bem representado pela descrição de caráter de suas personagens femininas portuguesas do século XIX, bem como das causas que determinam suas respectivas personalidades, dos ambientes e dos espaços paisagísticos: Luíza, protagonista, esposa de Jorge, ociosa, adúltera, com uma cultura embebida de romances românticos; Juliana, serviçal do casal, corroída pela inveja, ambicionava a vida de Luíza; Joana, também serviçal, era conformada com a sua situação e dava-se por satisfeita em possuir um amante; Leopoldina, amiga de Luíza, adúltera, promíscua, fumante e consumidora de bebidas alcoólicas; D. Felicidade, solteirona, cinquentona, infeliz por não ter conseguido um casamento, compensava-se nos prazeres da gula. Nesse romance, o autor desenvolve a trama usando uma linguagem simples, com bastante descrição, apontando as podridões sociais, através da penetração numa família da pequena burguesia lisboeta. Eça não poupou detalhes na construção dessa obra, reconhecida pela crítica literária como uma das suas obras primas.

PALAVRAS-CHAVE: Eça de Queirós, *O Primo Basílio*, mulher.

INTRODUÇÃO

O tema O “Perfil da Mulher na obra *O Primo Basílio*”, de Eça de Queirós, aborda uma questão que até o limiar do Realismo não tinha eco no meio literário. A condição feminina, que era até então como um elemento que existia apenas para atender as necessidades do homem e, principalmente como parte integrante na proliferação da espécie humana, pois não lhe era dada a oportunidade de ter uma educação formal nem tampouco nos meios produção, ficava relegada à submissão.

Fundamentados nesse tema é que os escritores realistas como: Gustavo Flaubert, na França e Eça de Queirós, em Portugal, respaldados no cientificismo e na filosofia, usaram a arte como arma de combate, criando seus personagens baseados em fatos reais e nos comportamentos sociais para aversar a sociedade, colocando a baixo qualquer vestígio do Romantismo, fazendo com que a razão se erguesse e explicasse os fenômenos da natureza, inclusive a humana.

Em Portugal, Eça de Queirós tornou-se um dos maiores prosadores do trabalho literário enfatizando o tema O Perfil da Mulher nas obras: *O Crime do Padre Amaro*, *O Primo Basílio* e *Os Maias*. Nestes romances, percebe-se o seu grande e significativo trabalho na literatura portuguesa não só no século XIX, mas perpassando as gerações seguintes.

A grandeza de suas obras consiste exatamente nessa atemporalidade, o que demonstra uma profunda sensibilidade aos problemas que afetam a humanidade, apontando caminhos através da sua lucidez, para aqueles que queiram engajar-se na luta pelo bem comum, pois só é possível trilhar o caminho da verdade, da justiça e da fraternidade quando se tem em mente a educação respaldada nos valores humanísticos e para se chegar a esse patamar é indispensável o conhecimento de escritores com qualidades de Eça de Queirós.

Com o intuito de despertar para esse tema através de leitura feita de *O Primo Basílio*, este artigo apresenta como objetivo geral evidenciar as situações em que vivem as mulheres das várias camadas da sociedade portuguesa, do século XIX, por intermédio da obra *O Primo Basílio*, de Eça de Queirós, a fim de que se possa ter uma idéia dos movimentos que levaram-nas a uma conduta fora dos padrões estabelecidas pela convenção e como objetivos específicos são: analisar as questões que favoreciam o status quo presentes na obra *O Primo Basílio*; relacionar a condição feminina com a situação cultural, inclusive a influência da religião neste romance; estabelecer de que modo as classes oprimidas, neste caso as mulheres desta obra, fazem para sair desse marasmo.

Em se tratando da metodologia aplicada a esse artigo, foi utilizada a pesquisa bibliográfica *site* literário, enciclopédia e mais tarde foram feitos fichamentos abordando o tema, os quais serviram de base para fundamentar e estruturar esse artigo científico.

O PERFIL DA MULHER NA OBRA O PRIMO BASÍLIO, DE EÇA DE QUEIRÓS

No momento decadente do Romantismo, são plantadas as sementes de uma nova tendência literária que recebeu o nome de Realismo, em função do espírito que norteou tal movimento. Esta nova tendência iniciou-se na pintura com a exposição de duas telas de Gustave Coubert (1819 – 1877) – *Enterro em Ornans* e *As Banhistas* em 1850 e 1853, respectivamente, causando escândalo por serem obras que retratavam aspectos cotidianos da vida rural e burguesa, sendo a primeira simbolizando a morte do Romantismo. Mesmo sendo duramente criticadas, as telas lançam as bases sobre as quais vai ergue-se uma forte estrutura capaz de quebrar os encantos Românticos, tão bem alicerçados até então.

Aos poucos, o Realismo foi-se erguendo e ganhou força com a publicação de *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, em 1857. Daí em diante o movimento foi conquistando adeptos, pois teve como aliado o incontestável cientificismo, que tanto contribuiu para a credibilidade na nova estética. O Realismo que caminha paralelo ao acelerado processo de industrialização iniciado no século anterior. Além disso o desenvolvimento nas ciências desencadeia uma mudança no gosto pelas artes, cujos parâmetros para a criação literária agora partem dessas premissas: a realidade e as ciências. Está aí o Naturalismo dando explicações científicas aos fatos reais, cujos escritores transferiam tais fatos para ficção, desmitificando todo o processo fantasmagórico do Romantismo.

O Realismo surgiu em meio a uma vasta produção literária que sacudia o público pelas fortes emoções, como a paixão, a morte, o fantástico, etc. Agora, a nova mentalidade procura no cotidiano das pessoas comuns ou não, o motivo para a criação literária, tendo como base de sustentação os fatos reais. (Realismo – como acontece) e a explicação do porque acontecem (Naturalismo), cujo entrelaçamento entre essas duas correntes formam um

par perfeito para quebrar as estruturas românticas e ganhar credibilidade a ponto de chegar a uma utopia, isto é, a tamanha crença nas ciências fazia com que muitos esperassem delas explicações para todos os fenômenos naturais, inclusive os sentimentos.

Cientismo – eis a palavra-chave do período. A crença inabalável nas ciências, vistas como única capazes de deslindar o universo e a realidade, patenteia-se nos escritos de Augusto Comte (1798 – 1857) e Ernest Renan (1832 – 1892). O primeiro, com o seu *Curso de Filosofia positiva*, estatui o Positivismo, sistema filosófico-científico que, entronizando a sociologia como disciplina matriz, objetiva explicar as ciências sociais princípios analíticos equivalentes aos das ciências naturais... O Futuro da ciência, escrita em 1848 por Ernest Renan, irmana-se ao Positivismo comtiano, na medida em que entoava um hino ao cientismo, única atitude possível para o desenvolvimento da humanidade. (UECHI, 1994 p. 77/78).

Segundo Antônio Cândido e José Aderaldo Castello (2001, p.285), “a designação do Realismo é inadequada”, pois em todos os tempos os pólos da criação literária sempre partem da dicotomia razão/emoção, buscando-se reproduzir nas obras de ficção traços observados no mundo real tanto nas pessoas como nos sentimentos e nas coisas e “a literatura é feita a partir da combinação mais ou menos variada” desses dois pólos distintos. Portanto, mesmo no Romantismo – com todo seu exacerbado sentimentalismo – o Realismo se fazia presente, uma vez que “a ficção moderna se constitui justamente na medida em que visou, cada vez mais a comunicar ao leitor o sentimento da realidade, por meio da observação exata do mundo e dos seres”(idem, ibidem).

Esse ponto de vista mostra que, em se tratando de literatura, o que diferencia uma tendência da outra é o fator predominante, isto é, o que vai definir o movimento são as características comuns que se extraem da produção literária de determinada época, sem que, no entanto, outras em menor proporção deixem de existir. É por isso que esses teóricos deixam transparecer em suas profundas observações sobre a teoria literária que dentro do Romantismo, encontram-se características realistas, pois era a expressão exata do que acontecia com as pessoas e como o exagero sentimental era moda e estava em alta, os

escritores transportavam essa realidade para ficção, assim como, de acordo com os postulados de UECHI (1994) – uma característica romântica bem evidente é encontrada no Realismo, que é a utópica crença nas ciências, levando ao extremo a visão de que elas são capazes de explicar tudo, transformando seres humanos em elementos materialmente quantitativos, desconsiderando e desprezando seus sentimentos, que, diga-se de passagem, - também são inerentes ao homem.

Essa nova mentalidade calcada na objetividade, na observação e na análise dos tipos, no esclarecimento dos problemas humanos e sociais no aperfeiçoamento da literatura, sem retórica e sem fantasia que se consolida na constatação através de estudos científicos, se expande para toda a Europa, chegando a Portugal por um grupo formado Antero de Quental, Teófilo Braga e a geração de escritores surgida na década de 1860, que revolucionou o pensamento português. No entanto, não foi tão fácil para o grupo, pois essa geração embebida do espírito filosófico e científico da corrente positivista de Comte, com sua teoria de que somente o palpável, o concreto são capazes de explicar os fenômenos naturais; Taine defendendo a idéia de que o homem é produto da raça, do momento histórico e o meio ambiente; Spenser, que estudou a evolução das espécies; Proudhon, socialista que contribuiu para formação de sindicatos defendendo o estado centralizado e criticando o autoritarismo comunista; e outros, tiveram que enfrentar, numa luta ferrenha, os representantes da geração anterior, por António Feliciano de Castilho (1800-1875); que, no seu posto de conservador e defensor do Romantismo, “aferrou-se à tradição, adverso a qualquer mudança renovadora na literatura” (BARSA, 2001, vol. 4, p. 01).

Antero de Quental publicou, em 1861, seus primeiros sonetos e, quatro anos depois, editou as *Odes Modernas*, em que prega a revolução, ou seja, percebe que seu país, mergulhado em profunda sonolência romântica, deveria acordar para acompanhar as transformações que já estavam acontecendo nos grandes centros europeus e que só através de

idéias revolucionárias fortes, contundentes que suscitasse polêmicas poderiam balançar a estrutura tão bem alicerçada do Romantismo e a Questão Coimbrã, formada por Antero de Quental, Teófilo Braga e Ramalho Ortigão. Esta deu o pontapé inicial para que essa nova mentalidade quebrasse os pilares da já enfadonha visão romântica, como uma espécie de cristianismo do mundo moderno. Fundada, nesse mesmo ano, a Questão Coimbrã. Incomodado com a situação instigadora da revolução intelectual, Feliciano atacou Antero e os poetas dessa geração, acusando-os de demonstrar “a afetação e a enfatuação dos versos, além de por em dúvida o talento dos poetas”(CASTILHO apud UECHI, 1994 p.81). Em resposta, Antero publica um opúsculo intitulado *Bom-senso e Bom-gosto*, no qual ironiza a concepção romântica e faz alguns comentários sobre as literaturas oficiais vigentes:

Mas é que a escola de Coimbra cometeu efetivamente alguma coisa pior do que um crime – cometeu uma grande falta: quis inovar . Ora, para as literaturas oficiais, para as reputações estabelecidas, mais criminoso do que manchar a verdade com a baba dos sofismas, do que envenenar com o erro as fontes do espírito público, do que pensar mal, do que escrever pessimamente, pior do que isso é essa falta de querer caminhar por si, de dizer e não repetir, de inventar e não copiar. (idem, ibidem).

A partir daí, estava consolidada a luta entre os defensores da nova mentalidade, trazendo à luz o Realismo em Portugal, e os remanescentes de um romantismo agonizante, com uma polêmica acirrada envolvendo esses dois grupos liderados respectivamente por Antero de Quental e António Feliciano de Castilho.

Sob a ótica de Massaud Moisés (1997), daí em diante a produção literária passa a trilhar outros caminhos, no entanto, são necessárias outras manifestações para a consolidação das idéias do grupo vencedor, que já contava com mais adeptos, inclusive Eça de Queirós, Adolfo Coelho, Augusto Seromenho, entre outros. Em 1968, cria-se o “Cenáculo” – nome dado às reuniões, em Lisboa – de onde vão sair as Conferências do Cassino Lisbonense e em 22 de maio de 1971, Antero de Quental executa a primeira delas, intitulada *O Espírito das*

Conferências, que tem como objetivo agitar idéias que colocassem Portugal no ritmo da cultura européia. A segunda, proferida também por Antero, em 27 de maio, *Causa da Decadência dos Povos Peninsulares nos Últimos Três Séculos*, a qual aponta as causas do fenômeno, segundo ele, são três: religião, calcada no Catolicismo do Consílio de Trento; política do absolutismo e a economia.

Cabe a Augusto Seromenho efetuar a terceira, intitulada *A Literatura Portuguesa*, onde afirma: “a decadência da Literatura Portuguesa por falta de originalidade e gosto, evidente na prosa, no romance, no drama e na crítica literária que então se praticava em Portugal”(SEROMENHO apud MOISÉS, 1997 pp. 161-162).

A quarta, proferida por Eça de Queirós a 06 de junho, sob o título de *A Literatura Nova* (o Realismo como Nova Expressão de Arte), pregava a revolução que se vinha operando na política, na ciência e na vida social.

A quinta, proferida por Adolfo Coelho, sob o título *A Questão do Ensino*, a 19 de junho, encerra a sessão conferência, em função da proibição através da portaria do Marquês d’Ávila e de Bolama, de 26 de junho de 1871, que rezava o seguinte:

Doutrinas e proposições que atacam a religião e as instituições políticas do Estado; e sendo certo que tais fatos, além de constituírem um abuso do direito de reunião, ofendem clara e diretamente as leis do reino e o código fundamental da monarquia, que os poderes políticos têm a seu cargo manter e fazer respeitar”. (idem, ibidem).

Contudo, essa geração de novos intelectuais, que ficou conhecida como “Geração de 70”, no afã de lutar pelo seu país, mesmo impedida de realizar reuniões, que expusesse as causas das mazelas sociais de Portugal, apesar de dispersa, não deixou de produzir obras que escancarassem tais mazelas. Enriquecida pelos ensinamentos de Taine, Proudhon, Darwin, Spenser, Hegel e outros, essa geração reuniu condições filosóficas e científicas que deram sustentação aos seus ideais revolucionários e seguiram numa marcha incansável, em direção à

realização do objetivo maior: transformar Portugal numa nação forte pelo saber e não mais apenas pela fé.

O novo panorama literário português conta, agora, com a grandeza das obras de além de outros, Eça de Queirós, que começa como escritor na Gazeta de Portugal com o folhetim de *Notas Marginais*, depois *Prosas Bárbaras* (1905). Escreveu novelas, contos, atingindo seu apogeu no romance. Em 1875, presenteia o público com a obra *O Crime do Padre Amaro*, no qual, além de apresentar um humor irreverente, questiona através da sátira a corrupção do clero e a conduta social com personagens que agem aprisionados pelos seus impulsos, sem alternativas para se libertar do condicionamento e limites sociais findam comportamentos esdrúxulos. Essa característica encontra-se claramente em *O Primo Basílio*, -- publicado em 1878 -- que, com todo seu esplendor literário investiga as causas dos problemas que afligem a sociedade portuguesa do seu tempo, fazendo da ficção uma arma de combate às mazelas, na tentativa de aperfeiçoar ou pelo menos melhorar o seu país. Dando continuidade às suas observações, escreve *Os Maias*, em 1888, mostrando o panorama de uma família burguesa, seus prazeres, sua dor e toda sua subserviência às convenções sociais. Em *A Ilustre Casa de Ramires* (1900), ironiza a pequena nobreza decadente, focalizando os males que corroem essa classe social.

Já em *As Cidades e as Serras* (1901), o autor satiriza com graciosidade o progresso dos tempos modernos e aqui vai uma característica quase romântica: dá um mergulho no seu tempo de criança (saudosismo) e revive a paisagem de sua meninice, como se estivesse desiludido por não ver o seu país no patamar que ele tanto lutou com esse fim, demonstra um apego à vida simples e natural do interior (característica do Arcadismo), como uma possível solução para amenizar suas decepções com a corrompida sociedade.

Eça de Queirós, visionário e anti-romântico, tenta elevar o seu país, juntamente com aqueles que compartilham com sua ideologia, a um patamar de desenvolvimento condizente

com os outros países da Europa, pois Portugal não acompanhou o processo de industrialização iniciado na Inglaterra, no século XVIII, ficando atrelado às glórias do passado, conservando um romantismo que já dava sinais de cansaço e com um sistema político-econômico estagnado, a saída para reverter esta situação era pela educação, começando com uma mudança radical na forma de pensar da sociedade e para isso seria necessário combater os vícios sociais, daí o interesse do grupo revolucionário em suscitar no povo lusitano o desejo de acordar para essa nova mentalidade. Para isso, Eça apresenta a seu público leitor *O Primo Basílio*, e outras obras, cuja atuação das personagens partem de parâmetros realistas.

Com o intuito de dissecar essas deformações da sociedade portuguesa, o autor explica sua fonte de pesquisa e inspiração no seguinte trecho de uma carta enviada a Teófilo Braga.

Mas a verdade é que eu procure que os meus personagens pensassem, decidissem, falassem e atuassem como puros lisboetas, educados entre o Cais do Sodré e o Alto da Estrela; não lhes daria nem a mesma mentalidade, nem a mesma ação se eles fossem do porto ou de Viseu; as individualidades morais variam de província. (EÇA apud OLIVEIRA, 2006, p. 01).

E para confirmar o ponto de vista de que Eça é um investigador das podridões sociais, Massaud Moisés afirma:

Com *O Primo Basílio*, Eça desloca-se para a cidade, a sondar as moléstias degenerescentes no centro nevrálgico da Nação, a Capital: o ficcionista penetra agora no recesso dum lar burguês pretensamente sólido e infeliz, e nele descobre a existência de igual podridão moral e física”. (MOISÉS, 1997, p.195).

A obra *O Primo Basílio* se define como uma das mais importantes de Eça de Queirós e apresenta como protagonista as personagens Luíza, Basílio e Jorge, formando um triângulo amoroso, cujo perfil psicológico de cada um, o leitor vai conhecendo através da leitura ao longo do enredo escrito sem rodeio, com uma linguagem direta, de fácil compreensão (característica formal do Realismo). Portanto o texto literário aproxima-se da língua falada, dando-lhe um rejuvenescimento e um dinamismo. As frases são curtas de significados com

descrições minuciosas, explicando, desse modo, cada personagem e o meio socioeconômico em que vive.

Nesse contexto, observa-se que o homem e os espaços físicos inventados no Romantismo dão lugar à observação do homem e das circunstâncias que o rodeiam, no Realismo, aparecendo também uma característica bem evidente do Naturalismo, quando o autor apresenta em suas obras o homem “como um animal que tem o comportamento determinado pelo meio ambiente, pelas circunstâncias que o pressionam e hereditariedade” (OLIVEIRA, 2006, pp. 3-4).

O avanço das ciências, especialmente da Biologia e da Psicologia, levou os autores a respaldar suas obras na pesquisa, uma vez que o momento conduzia-os para a rejeição do subjetivismo e de uma verdade idealizada, ou seja, o ideal para os realistas era a busca da verdade comprovada, tornando-se esta, portanto, o objeto da literatura, uma vez que, na concepção deles, as artes deveriam servir para o aperfeiçoamento social e, para isso aconteça, torna-se necessária uma reflexão e um combate acerca dos males que emperram o desenvolvimento humanístico.

E é essa trilha que Eça de Queirós segue, quando cria suas personagens pensantes, ativas, que decidem, muito embora aponte os caminhos tortuosos que elas seguem, mas, pelo menos, afastam-se daquelas personagens idealizadas, estagnadas, apáticas, existentes no marasmo romântico.

O presente artigo versa sobre o tema o perfil da mulher na obra *O Primo Basílio*, de Eça de Queirós pretende analisar a posição feminina, partindo das personagens da citada obra: Luíza, Juliana, D. Felicidade, Leopoldina, Joana, etc, como ponto de partida para uma reflexão sobre as causas, que, durante toda história da humanidade, tornaram as mulheres subjugadas, submissas, dependentes, enfim, consideradas como objetos de prazer masculino, sem que lhes sobrasse sequer uma consideração de ser humano, tendo em vista que não lhes

eram respeitadas nem sentimentos, nem vontade e, em muitos casos, até a dor física, pois até o limiar da era moderna, os cientistas não dedicavam estudos exclusivos sobre elas, nem as leis de nenhum país asseguravam-lhes qualquer direito, se raramente uma ou outra gozava de algum privilégio, era o pai ou esposo que lhe concedia.

De acordo com Francisco Dantas (1999), essa situação as deixou numa condição fragilizada e vulnerável a subterfúgios, portanto, não podiam, consciente ou inconscientemente, ser verdadeira, transparentes para as convenções, uma vez que estas não lhes tratavam com a dignidade que todos, indistintamente, merecem, sufocando-lhes os anseios, não lhes permitindo amar, pois, enquanto solteiras, viviam sob o domínio do pai e este escolhia-lhe um marido por qualquer interesse, sem considerar os sentimentos. Como o casamento era indissolúvel, na maioria dos casos elas eram obrigadas a conviver com um homem que não amavam, anulando-se completamente como seres humanos e vivendo na condição de objetos.

Essa educação danosa adquirida no colégio é completada pela família e pela sociedade, assim que a rapariga atinge 16 ou 17 anos. Aquela logo a convence “de que sem dinheiro, sem casamento rico, a vida moderna não é mais que uma decadência ou uma humilhação”. E este preceito parece ser assimilado naturalmente, uma vez que, ainda segundo Eça, o dinheiro é aquilo que exerce mais profunda “influência no espírito da mulher: - Daí o desejo de casar com dinheiro, casar rica; seja marido velho, imbecil, rude ou trivial, contanto que o dinheiro e o poder que ele dá”(QUEIRÓS apud DANTAS, 1999, p. 37).

Segundo os preceitos de Gilberto Dreguer (apud NUNES, 2005), diante dessa educação danosa para o universo feminino, reforçavam-se os privilégios masculinos, numa disputa quase selvagem, onde a força domina. Durante o longo tempo medieval da sua condição inferiorizada, ela era vista como um elemento a serviço do demônio, por isso, cabiam-lhe vigilância e castigo.

A mulher medieval, pobre ou rica, ocupava uma posição nada confortável. Os medievais afirmavam que a mulher era naturalmente mais fraca e, portanto, um instrumento privilegiado da ação do demônio. Cabia aos homens vigiar sua mulher e filhas. Era preciso mantê-las afastadas dos homens, enquanto estes ocupavam a sala, elas ficavam trancadas cuidando dos afazeres domésticos: tecer, fiar, bordar, comandar as servas domésticas, cuidar das crianças. Para as solteiras a melhor maneira de mantê-las vigiadas era encontrar um marido que as mantivesse sob rígido controle, providenciando o castigo devido quando elas merecessem (idem, p. 35).

Nesse contexto, ela chega à modernidade ainda sem nenhum privilégio e com um agravante: a sua jornada de trabalho dobrou, pois, além dos trabalhos nas fábricas, elas tinham que enfrentar os domésticos, no entanto, as mulheres das classes privilegiadas viviam cercadas de luxo, conforto e diversão sem que dedicassem seu tempo a coisas úteis, no sentido de adquirirem uma consciência de classe e lutassem por justiça e amor. Assim, arrastam-se esses dois pólos femininos até a Revolução Francesa, quando deflagram-se os Direitos Humanos e a história delas segue um rumo diferente, porém, essa diferença não alcança todas as sociedades e os países que não acompanharam o desenvolvimento científico e filosófico ficaram a dever a seus filhos a evolução nas conquistas tanto materiais quanto intelectuais. E Portugal se insere nesse contexto, assistindo alguns países do seu continente elevarem-se a um alto patamar de desenvolvimento, ficando atrelado a um sistema de governo corrupto e princípios religiosos ultrapassados, copiando os modelos da vida francesa.

Em *O Primo Basílio*, é a partir das duas personagens: Luíza e Juliana, que toda a trama se desenvolve, pois a visão desse romancista português tem do universo feminino de seu país leva-o a focar as questões que afligem a mulher real, aquela que tem problemas, desejos, sonhos e etc, e que não pode realizá-los por causa dos entraves sociais. No que se concerne a Luíza, o autor apresenta à sociedade portuguesa um novo protótipo de mulher, no entanto, diante de uma sociedade machista e conservadora, essa nova mulher é pecadora, é tão pecadora que não merece a vida, por isso ela paga com a própria vida o pecado do adultério e dentro de uma perspectiva heróica, não pelo desejo e consciência por uma luta de classe dessa personagem, mas para apresentar uma nova mulher, na qual, o autor faz nascer um embrião da mulher moderna. O autor, numa carta que faz a Teófilo Braga, descreve Luíza da seguinte maneira:

A senhora sentimental, mal-educada, nem espiritual (porque cristianismo já não o tem; sanção moral da justiça, não sabe o que isso é), arrasada de romance, lírica, sobreexcitada no temperamento pela

ociosidade e pelo mesmo fim do casamento penisular que é ordinariamente a luxúria, nervosa pela falta de exercício e disciplina moral, etc,etc,. – enfim a burguesinha da Baixa...(QUEIRÓS, p.318).

O Primo Basílio é apresentado com vasta riqueza de detalhes, para que o leitor perceba todas as nuances da alma dos personagens e, através de um narrador onisciente, a história é contada com penetração aos pensamentos e sentimentos dentro de uma perspectiva realista, cuja trama se desenvolve linearmente e atinge seu clímax quando Jorge fica sabendo da traição da esposa, através de uma carta emitida por Juliana.

A protagonista, no início de sua vida conjugal, parecia viver um mar-de-rosa, sem nenhuma preocupação ou algo que afligisse seu espírito e influenciada pelas leituras românticas, dava evasão às suas veleidades:

Luíza espreguiçou-se. Que seca ter de se ir vestir! Desejaria lutar numa banheira de mármore cor-de-rosa, em água tépida, perfumada, e adormecer! Ou numa rede de ceda, com as janelas cerradas, embalar-se, ouvindo música!... Tornou a espreguiçar-se. E saltando na ponta do pé descalço, foi buscar ao aparador por detrás duma compota um livro... Era *A Dama das Camélias*. Lia muitos romances;... Em solteira, aos dezoito anos entusiasmara-se por Walter Scott e pela Escócia: desejara viver num daqueles castelos escoceses... Mas agora era o moderno que a cativava, Paris, as suas mobílias, as suas sentimentalidades. (idem, pp. 11-12).

Com a notícia, que lê no jornal, da chegada de Basílio seu primo namoradinho adolescente, as lembranças começam a povoar sua mente. Coincidentemente, Jorge está de viagem a trabalho, marcada para o Alentejo, onde ficará por algum tempo. Esta condição favorece às fantasias de Luíza, que levianamente vai, aos poucos, cedendo aos galanteios de seu primo.

Sempre gostara muito de Sintra! Logo ao entrar os arvoredos escuros e murmurosos do Ramalhão lhe davam uma melancolia feliz!

Tinham liberdade, ela e o primo Basílio. A mamã, coitadinha, toda cismática com reumatismo, egoísta, deixava-os, sorria, dormitava...

Veio o inverno, e aquele amor foi-se abrigar-se na velha sala forrada de papel sangue-de-boi na rua da Madalena. Que bons serões ali!... E eles, muito chegados, muito felizes no sofá! **O sofá!** Quantas recordações! (idem, p. 13).

Para agravar o quadro da falta de moral, Luíza é amiga íntima de uma mulher, Leopoldina, também descrita pelo autor como sem nenhum escrúpulo: adúltera, fumante, usa bebida alcoólica, isto é, fugindo a todos os padrões da decência social.. E ela é assim e não sofre qualquer tipo de constrangimento pelo seu caráter deformado.

- E seu marido? – Perguntou Luíza, vindo sentar-se muito junto de Leopoldina.

Como sempre. Pouco divertido – respondeu, rindo. E com ar sério, atesta um pouco franzida. - Sabes que acabei com o Mendonça?

...Nunca tivera segredos para Luíza: E na sua necessidade de fazer confidências, de gozar admiração dela, descrevia-lhe seus amantes, as opiniões deles, as maneiras de amar, os tiques, a roupa, com grandes exagerações. (idem, p. 17).

Mesmo assim, Luíza tinha uma certa admiração por ela, por tratar-se de uma pessoa que se sentia livre, sem obrigação de dar satisfações às convenções preestabelecidas pela sociedade, por isso, vivia várias paixões, condição que excitava Luíza.

Às vezes na sua consciência, achava Leopoldina “indecente”; mas tinha um fraco por ela: sempre admirara muito a beleza de seu corpo, que quase lhe inspirava uma atração física... quase lhe parecia uma heroína; e olhava-a com espanto como se consideram os que chegam de alguma viagem maravilhosa e difícil, de episódios excitantes. Só não gosta de certo cheiro de tabaco misturado de **feno**, que trazia nos vestidos, Leopoldina fumava. (idem, p.17).

Mas Jorge não aprovava a amizade das duas, querendo encontrar um motivo para separá-las, sem que, para isso, usasse sua autoridade de marido, preferia a amabilidade no seu poder argumentativo. “E com uma ternura grave:

- Minha querida filha, esta nossa casinha é tão honesta, que é uma dor de alma ver entrar essa mulher aqui, com cheiro de **feno**, do cigarro e do resto!...”(idem, p. 23).

Embora personagem secundária secundária, Juliana representa a causa dramática do conflito central desse romance. Serva de Luíza, infeliz e inconformada com sua situação, sonhava uma vida melhor, sem, porém, ver perspectiva para a realização de qualquer sonho. Cultivava um ódio pela sua patroa, que crescia ao vê-la sair todos os dias, perfumada, alegre,

para encontrar-se com Basílio no “Paraíso”. Com a onisciência de quem lê a alma, o narrador afirma:

E cada dia detestava mais Luíza. Quando pela manhã a via arrebicar-se, perfumar-se com água de colônia, mirar-se ao toucador cantarolando, sai do quarto porque lhe vinham venetas de ódio, tinha medo de estourar! Odiava-a pelas **toilettes**, pelo ar alegre, pela roupa branca, pelo homem que ia ver, todos os dias regá-los de senhora. “**A Cabra!**”... (idem, p. 139)

Percebendo o envolvimento da sua patroa com o primo, Juliana começa a fazer chantagem, quando toma posse de uma carta muito comprometedor de Luíza para Basílio. Daí Luíza passa a ceder às chantagens dela, chegando ao ponto desta ocupar , na condução do lar, o lugar daquela.

Representantes do proletariado, Juliana e Joana, cada uma no seu posto de serviçal, pobres e feias, não conseguem um casamento. Joana tem um amante e dá-se por satisfeita, não tem maiores ambições, é conformada. No entanto, a primeira nem um namorado consegue, apenas é zombada e humilhada, condição que deixa o espírito humano cada vez mais enraivecido, sem qualquer juízo de valor, portanto susceptível de vinganças e maldades, fazendo de Luíza sua refém.

Ao contrário desse comportamento, aparece D. Felicidade, como representante da moral religiosa, que por sua vez, também infeliz pela frustração de não ter conseguido um casamento na juventude, apesar de sua avançada idade, ainda alimenta a esperança de casar-se com o conselheiro Acácio, só que este não lhe dá esperanças. Solteirão e satisfeito de si mesmo, ele mantém um relacionamento amoroso com sua serviçal. A insatisfação dela leva-a à satisfação apenas pela gula, deixando-a gorda e cheia de gases.

Com esta obra, Eça de Queirós ataca a instituição família, tão solidificada pelo casamento, mas que, na época de sua publicação (1878), a realidade social lisboeta era bem diferente e na carta a Teófilo Braga, ele acrescenta:

Um grupo social, em Lisboa, compõem-se com pequenas modificações, destes elementos dominantes. Eu conheço vinte assim formados. Uma sociedade sobre estas falsas bases, não está na verdade: atacá-los é um dever. E neste ponto O Primo Basílio não está inteiramente fora da arte revolucionária, creio. (idem, p. 318).

Mas o autor não ataca a sociedade lisboeta por atacar simplesmente. Ele vai buscar as causas para esses desvios de comportamento nas instituições políticas, religiosas e nos exageros sentimentais do Romantismo, que, por falta de uma política voltada para a educação, principalmente do povo português apresenta-se com um caráter deformado.

Por algum tempo, enquanto Jorge estava em Alentejo a trabalho, Luíza e Basílio viveram seu romance amoroso bem à moda do namoro romântico, mas depois que Juliana descobre e toma posse da carta que compromete sua patroa, a situação para Luíza fica insustentável. Basílio foge, deixando sua amante sozinha, desamparada e com toda culpa. Com a chegada de Jorge e as chantagens de Juliana, Luíza adocece e vai-se definhando até a morte. Juliana também tem um fim trágico, sem que pudesse realizar o sonho de ficar rica.

Com este final, o autor mostra a fragilidade do mundo feminino dentro de uma sociedade em que não perdoa suas fraquezas e por isso a morte para as maiores representantes das duas classes antagônicas (burguesia e proletariado) é o castigo merecido pelos seus pecados: uma pelo adultério e a outra pela ambição desmedida.

Ficcionista e perfeccionista, Eça de Queirós não parou por aí, continuou escrevendo e, mesmo depois de morto, suas obras foram sendo publicadas e a cada leitura descobre-se algo novo e atualizado, dando-lhe um caráter atemporal, sendo uma fonte riquíssima, não só literária, mas também Histórica, pois, através da história conhecem-se os fatos, através de Eça de Queirós conhece-se o além dos fatos, pois, diante do cenário histórico, o autor possibilita uma análise literária da época, com um livro inovador, que trás no seu bojo uma crítica demolidora e sarcástica dos costumes da pequena burguesia lisboeta, atacando uma das mais sólidas instituições – o casamento.

No entanto,, percebe-se que dentro de uma sociedade machista, conservadora, preconceituosa, o autor aponta logo os vilões da narrativa: duas mulheres que vivem em situações completamente opostas: Luíza e Juliana vivem conflitos que as levam a morte como pagamento dos seus pecados. O adultério da primeira e a ambição desmedida da segunda dão à trama uma visão bem nítida de como a mulher, pela condição inferiorizada, é capaz dos sentimentos mais sórdidos e mesquinhos.

Além disso, aparecem Leopoldina e Joana com suas paixões realizadas às escondidas e D. Felicidade com sua paixão nunca resolvida, completando o quadro degenerante do universo feminino.

Enquanto isso, as personagens masculinas são tratadas, na trama, de forma bastante diferenciada: Jorge, mesmo mantendo um relacionamento fora do casamento, é vítima do adultério da esposa, com o seu espírito superior e alma bondosa, num gesto nobre, perdoa-a, assumindo o papel de herói, merecedor de aplauso e admiração; Basílio, apesar de mau caráter, não recebe nenhum castigo. Foge e livra-se de qualquer acusação; o conselheiro Acácio, falso moralista, preconceituoso, fala frases feitas, vive numa situação confortável; Sebastião, bom amigo, tenta ajudar em vão Luíza a livrar-se das chantagens de Juliana.

A influência do contexto sócio-econômico da época e do determinismo social é fundamental na composição das personagens e na constituição do enredo da obra. Eça de Queirós retrata a desigualdade das classes sociais da época e, deste modo, Juliana deixa de ser um mero tipo social para erguer-se como uma voz do proletariado injustiçado.

Com este romance, este autor abre caminhos para que se reflita mais nas condições que afligem os seres humanos, neste caso específico, a mulher, que, de acordo com sua visão, deve fazer parte do universo pensante, e para isso a educação é fundamental, basta que haja uma política direcionada a esse fim. Seus questionamentos acerca dessa possibilidade atestam

a veracidade da sua posição e isso tem-se constatado ao longo da história da mulher nos últimos séculos.

Tendo em vista que a literatura é um instrumento valiosíssimo na construção e reconstrução de qualquer sociedade civilizada, a leitura torna-se o veículo mais eficiente que transporta ao público leitor um mundo de menos imperfeições. Com a obra *O Primo Basílio*, Eça de Queirós presenteia aqueles que buscam trilhar por caminhos que, mesmo sendo espinhosos, seguem rumo à verdade, à justiça, enfim ao amor pelo próximo. Não aquele amor romântico que usa os sentimentos para apossar-se da piedade, da fragilidade e do espírito fraterno do outro e usá-los a seu bel-prazer, isto é, fazer do outro um objeto que exista apenas e tão somente para servir sem a garantia de reciprocidade.

No mundo civilizado, os seres humanos (homens e mulheres, independentes de raça, cor, religião e condição sócio-econômica) devem ser encarados como elementos condutores de sua própria história. É por isso, que, somente com a leitura de livros da estirpe de *O Primo Basílio*, criado com a sensibilidade e a inteligência de um Eça de Queirós, é possível formar pessoas capazes de transformar a sociedade em que vivem e contribuir, servindo como espelho, na melhoria de outros.

Portanto, o mergulho profundo num trabalho desse porte capacita o pesquisador ou o leitor a ir além do “eu”, dos sentimentos, do egoísmo e engajar-se na luta por um mundo melhor. Neste sentido, acredita-se que o objetivo foi atendido, na medida em que os pressupostos teóricos pesquisados deram o suporte para a compreensão do propósito literário queirosiano.

REFERÊNCIAS

BARSA vol 04. 2001.

BOSI, Alfredo. História Concisa da Literatura Brasileira. 34 ed.: Cultrix; São Paulo, 1996.

CÂNDIDO, Antônio & CASTELLO, José Aderaldo. Presença da Literatura Brasileira das Origens ao Realismo – História e Antologia. 10 ed.: Bertrand Brasil; Rio de Janeiro, 2001.

DANTAS, Francisco J. C. A Mulher no Romance de Eça de Queirós. UFS: Aracaju, 1999.

MOISÉS, Massaud. A Literatura Portuguesa. 29 ed.; Cultrix; São Paulo, 1997.

NUNES, Tânia Cristina de Araújo. Monografia sobre O Perfil da Mulher no Romance Os Maias de Eça de Queirós. Universidade Tiradentes; Aracaju, 2005.

OLIVEIRA, Jussara. <http://www.ipn.pt/opsis/litera/index.html>. Projeto Vercia - Literatura Portuguesa.

QUEIRÓS, Eça de. O Primo Basílio. Nova Cultura.

UECHI, Carlos Alberto. A Literatura Portuguesa em Perspectiva Romantismo – Realismo vol. 03. Atlas; São Paulo, 1994.